

Boa Nova para cada dia / Julho 2015

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

António Santana, s.j. (Domingos)

Tempo Comum – S. Tomé, Apóstolo / S. Bento / Santa Brígida / S. Tiago, Apóstolo

Qua, 1 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM

Gen 21, 5.8-20 / Slm 33 (34), 7-8.10-11.12-13 / Mt 8, 28-34

Eles saíram e foram para os porcos. (Evangelho)

Passando os espíritos maus para os porcos, Jesus matou uma importante fonte de rendimento e curou duas pessoas para a quais não se via utilidade. Os critérios de Jesus não eram os critérios do mundo e o mundo pediu-Lhe que Se fosse embora. Os nossos critérios de avaliação do outro também são económicos. Quem não se sente superior a quem tem menos dinheiro? A nossa cabeça diz-nos que não somos, mas até convertermos o nosso coração vai um tempo imenso. Como é que o leitor está a este respeito?

Qui, 2 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM

Gen 22, 1-19 / Slm 114 (116), 1-6.8-9 / Mt 9, 1-8

Filho, tem confiança; os teus pecados estão perdoados. (Evangelho)

Sermos perdoados implica um propósito firme de emenda que algumas vezes falta. Algumas vezes a confissão – ou a ideia do perdão de Deus – leva-nos a um certo descanso. Achamos que os pecados estão confessados e que agora é só esperar pela próxima confissão. Nada de mais errado. Se não houve propósito firme de emenda, quer dizer, se a seguir à confissão não houve um esforço para uma evolução pessoal, a confissão não foi válida. O leitor já pensou nisso?

Sex, 3 – S. TOMÉ, Apóstolo (Festa)

1ª SEXTA-FEIRA

Ef 2, 19-22 / Slm 116 (117), 1.2 / Jo 20, 24-29

Se não meter o dedo no lugar dos cravos... não acreditarei. (Evangelho)

Tomé tinha razão. O lugar dos cravos era o sinal distintivo de Cristo. A paixão é fundamental para a nossa fé. Tomé só descansava se tivesse posto as mãos nesse sinal. Depois, sim, podia aceitar Jesus ressuscitado. Connosco devia acontecer o mesmo, devíamos querer pôr as mãos nos sinais da paixão de Cristo, devíamos querer viver a paixão de Cristo com todo o nosso ser. Assim, amaríamos mais porque estaríamos mais cientes do amor de Cristo por nós.

Sáb, 4 – SANTA ISABEL DE PORTUGAL (Memória)

1º SÁBADO

Gen 27, 1-5.15-29 / Slm 134 (135), 1-6 / Mt 9, 14-17

Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho. (Evangelho)

O vestido velho não aguenta, esgaça. Não podemos fazer o outro sentir o peso da nossa pretensa virtude. Por muito má que seja a situação do outro, não o podemos olhar de cima para baixo. Temos que acompanhar o ritmo desse outro, o que às vezes é muito difícil, porque não o queremos acompanhar, queremos é que ele mude. E ele não consegue mudar, e nós não o acompanhamos. Não olhemos de cima para baixo quem achamos mais frágil que nós. Hoje, acompanhe alguém com a sua oração.

Dom, 5 – DOMINGO XIV DO TEMPO COMUM – Ano B

Ez 2, 2-5 / Slm 122 (123), 1-2a.2bcd.3-4 / 2 Cor 12, 7-10 / Mc 6, 1-6

A liturgia da Palavra deste domingo coloca-nos diante da vocação profética, de alguém que fala em nome de Deus. O que diz não é fruto de si próprio, mas é por inspiração divina que anuncia a conversão dos costumes, a purificação do coração, a fidelidade a Deus. De certa forma, somos todos, ainda hoje, chamados a ser profetas da Boa-Nova que Jesus anunciou.

Cabe ao profeta um lugar na comunidade dos crentes, mas é sobretudo a vocação que o faz como tal. É sempre Deus quem tem a iniciativa de chamar, Ele inspira o que dizer ao povo a quem o profeta é enviado; é ainda por Deus que a vocação se fortalece nas adversidades surgidas durante o anúncio. Na primeira leitura, encontramos isto no início da vocação profé-

tica de Ezequiel. Seguindo este esquema bíblico, encontramos o Espírito de Deus a provocar Ezequiel quando menos está à espera. Vem, fá-lo levantar-se e diz-lhe: «Filho do homem, Eu te envio aos filhos de Israel... É a esses filhos de cabeça dura e coração obstinado que te envio, para lhes dizeres: “Eis o que diz o Senhor”». Ezequiel não vai falar em seu nome, mais ainda, não vai anunciar o que o pode dignificar; Deus escolhe-o por ser um homem fiel, justo e verdadeiro, para que o povo de Israel se converta das suas infidelidades, dos seus actos de injustiça para com os pobres, da falta de verdade diante do seu Deus. Destas observações podemos tirar uma primeira conclusão: Deus continua a chamar-nos para anunciar o seu Amor, sobretudo com os nossos gestos de misericórdia, de acolhimento e de perdão.

Na segunda Epístola aos Coríntios, S. Paulo recorda que também ele foi um profeta escolhido para anunciar a vida de Jesus Cristo. E lembra, sobretudo, que a sua vocação revela como Deus Se manifesta na fraqueza e na fragilidade, como a acção divina se realiza através de instrumentos débeis, finitos e limitados: «Alegro-me nas minhas fraquezas, nas afron-

tas, nas adversidades, nas perseguições e nas angústias sofridas por amor de Cristo, porque, quando sou fraco, então é que sou forte». De perseguidor dos cristãos torna-se um Apóstolo de Cristo e, diante da pequenez experimentada, é o próprio Deus que o confirma na missão: «Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que se manifesta todo o meu poder». Ao contemplar esta figura, somos também convidados a partir em missão, fortalecidos pelos dons de Deus, mesmo reconhecendo as próprias fragilidades. A debilidade é, quase sempre, o meio escolhido por Deus para realizar a sua obra.

Por fim, o Evangelho segundo S. Marcos diz-nos que também Jesus, quando Se encontrava com os seus conterrâneos da Galileia, Se viu rejeitado e incompreendido, a ponto de desabafar que «um profeta só é desprezado na sua terra, entre os seus parentes e em sua casa». Nascido numa gruta, de família modesta e humilde, para os seus concidadãos não podia ser o Messias. Afinal, era mesmo aí que começava a encarnação do Filho de Deus. Provavelmente, também vivem connosco pessoas a quem não damos o devido valor, com

quem temos dificuldades de relação ou preconceitos. Quem sabe se é por aí que Deus nos pode estar a querer falar!

Seg, 6 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Gen 28, 10-22 / Slm 90 (91), 1-4.14-15ab / Mt 9, 18-26

Se eu... Lhe tocar no manto... Foi a tua fé que te salvou. (Evangelho)

Temos os dois ingredientes necessários para o milagre: a fé e a acção divina. Mas o milagre maior é a fé sem milagres, a fé de todos os dias, a fé que de vez em quando se esvai, que de vez em quando não sabemos onde está, que se perde “pelas ruas da amargura” ou pelas “ruas da alegria”, que também nos podem afastar de Deus. A fé que tem que se provar quando as desgraças nos cercam. Porque a fé não é para andarmos a exigir milagres.

Ter, 7 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Gen 32, 22-32 / Slm 16 (17), 1.2-3.6-7.8b-9a.15 / Mt 9, 32-38

Pedi ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. (Evangelho)

É preciso mais trabalhadores e mais trabalho. Já há pessoas que fazem circular pela internet coisas religiosas. Conheço vários chefes de empresa que distribuem aos seus empregados escritos religiosos e que lhes dão tempo para rezarem nas empresas. Não é difícil evangelizarmos o próximo. É só uma questão de querermos. As pessoas que precisam estão ao virar da esquina.

Qua, 8 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Gen 41, 55-57; 42, 5-7a.17-24a / Slm 32 (33), 2-3.10-11.18-19 / Mt 10, 1-7

Ide... às ovelhas perdidas da casa de Israel. (Evangelho)

Estas ovelhas perdidas andam à procura de quê? O caminho para algum lado, alguma pessoa? O certo é que Deus manda os seus discípulos irem ter com elas e o próprio Deus vai ter com elas. Para quê? Para lhes perguntar se querem voltar para Deus, regressar à casa do Pai. O leitor quer “regressar” à casa do Pai? E quer manter-se na casa do Pai? Em que é que isso se consubstancia na sua vida?

Qui, 9 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Gen 44, 18-21.23b-29; 45, 1-5 / Slm 104 (105), 16-21 / Mt 10, 7-15

Ide e proclamai que está próximo o reino dos Céus. (Evangelho)

Proclamar o reino dos Céus é proclamar o Evangelho. Proclamar o Evangelho tem um sentido literal, mas também o proclamamos com a nossa atitude e com a defesa dos valores cristãos e católicos. Por isso é muito importante estarmos bem cientes de quais são esses valores, termos uma consciência muito bem formada, ter “as coisas” muito bem pensadas. A proclamação do Evangelho é uma obrigação séria. O leitor, hoje, medite em como é que a faz.

Sex, 10 – SEMANA XIV DO TEMPO COMUM

Gen 46, 1-7.28-30 / Slm 36 (37), 3-4.18-19.27-28.39-40 / Mt 10, 16-23

Sede prudentes como as serpentes, simples como as pombas. Tende cuidado com os homens... (Evangelho)

O leitor já reparou que nós aprendemos a amar por imitação. Mais ou menos por aquilo que nos parece, como se aprendêssemos piano a ver as outras pessoas tocar. Ser prudentes como as serpentes e simples como as pombas implica uma grande sabedoria, reflexão e um estudo que muitas vezes não temos. Amar é deixado ao nosso critério, com resultados nem sempre brilhantes. Hoje, rezemos para irmos aprendendo a amar.

Sáb, 11 – S. BENTO (Festa)

Prov 2, 1-9 / Slm 33 (34), 2-11 / Mt 19, 27-29

Então compreenderás... todos os caminhos da felicidade. (1ª Leitura)

Como isto é difícil, encontrar os caminhos da felicidade quando nos sobrevém uma doença ou uma dificuldade grande. Há que manter a serenidade mesmo que os nervos apertem. Não só de uma maneira estóica, mas porque assentamos em Deus como as águas do oceano assentam no fundo do mar. É um processo, não uma coisa imediata. Rezemos pela nossa serenidade.

Dom, 12 – DOMINGO XV DO TEMPO COMUM – Ano B

Amós 7, 12-15 / Slm 84 (85), 9ab-10.11-12.13-14 / Ef 1, 3-14 / Mc 6, 7-13

Em continuidade com a liturgia da Palavra do domingo passado, somos convidados a meditar na vocação profética. Dos profetas do Antigo Testamento aos Apóstolos de Jesus, Deus escolhe e envia mensageiros da Boa Nova a levar a esperança a todos os povos.

A primeira leitura coloca-nos diante da denúncia profética de Amós. O profeta viveu por volta do século VIII a.C., no reino de Israel, durante o reinado de Jeroboão II. Vivia-se um período de paz política e, por isso, também de prosperidade económica e religiosa. Curiosamente, é nestas condições que se verifica o contraste entre ricos e pobres, entre quem tem poder e quem é subjugado. Amós é, por isso, enviado a denunciar as injustiças sociais e a opressão dos indefesos. Consciente da sua pequenez, recorda que a iniciativa profética partiu do próprio Deus: «Eu não era profeta, nem filho de profeta. Era pastor de gado e cultivava sicómoros». É o Senhor que o tira da guarda do rebanho e lhe diz: «Vai profetizar ao meu povo de Israel». Ao lermos a narração deste episódio, não deixamos de encontrar

algo de semelhante nos dias de hoje: com o progresso tecnológico e a tranquilidade política, aumenta o bem-estar das populações, mas nem por isso diminuem as desigualdades sociais. É na nossa – aparente – incapacidade para actuar que brota a força de Deus a agir no mundo. O que temos de fazer é estar disponíveis e atentos ao que Deus nos vai pedindo.

Na mesma linha do Antigo Testamento, o Evangelho de S. Marcos traz-nos hoje o envio em missão dos doze Apóstolos de Jesus. «Apóstolo» significa, literalmente, «enviado», «mensageiro», traduzindo a vocação profética destes homens no envio a anunciar uma nova vida alicerçada em Jesus. Mais uma vez, a iniciativa parte de Deus, que escolhe os que quer para colaborarem na missão de pregar o arrependimento dos pecados, de libertar as pessoas daquilo que as escraviza e destrói, de abençoar e curar os doentes e oprimidos. Para que sejam eficazes, Jesus recorda-lhes que não devem colocar a confiança em meios humanos, mas na força do Espírito de Cristo, que é Quem os envia: «Deu-lhes po-



der sobre os espíritos impuros e ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser o bastão: nem pão, nem alforge, nem dinheiro; que fossem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas». Frequentemente, queremos tornar mais eficaz a nossa actuação junto daqueles com quem vivemos, mas agarramo-nos demasiado a nós mesmos, projectamos tudo como se só contasse o nosso esforço e esquecemo-nos de dar espaço a que Deus possa agir por nós. É preciso aprender a arte da simplicidade

e da confiança, na certeza que Deus providencia o que necessitamos para fazer o bem.

S. Paulo, também ele enviado como Apóstolo dos Gentios, é exemplo da acção de Deus em cada um de nós. De perseguidor dos primeiros cristãos torna-se aliado de Cristo na expansão do reino de Deus. Na sua Epístola aos Efésios, traz-nos um hino de louvor a Deus pela história da salvação. Tudo é realizado por meio do seu Filho Jesus Cristo, pela acção do Espírito Santo, no qual nos tornamos filhos adoptivos do próprio Deus.

Seg, 13 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Ex 1, 8-14.22 / Slm 123 (124), 1-3.4-8 / Mt 10, 34 – 11, 1

Se alguém der de beber... a um destes pequeninos, por ele ser meu discípulo... (Evangelho)

O leitor já reparou que parece que nós somos premiados se exercermos a caridade com as pessoas por elas serem discípulas de Jesus. Mas, no fundo, todos somos discípulos de Jesus porque todos (?) somos pessoas de boa vontade. Portanto, sempre que exercer a caridade, está a exercê-la a um discípulo (em sentido lato). Compenetre-se disso, hoje reze sobre isto.

Ter, 14 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Ex 2, 1-15a / Slm 68 (69), 3.14.30-31.33-34 / Mt 11, 20-24

Procurai ... o Senhor e encontrareis a vida. (Salmo)

«Atolei-me na lama do abismo e não tenho onde apoiar-me», diz o salmista. Sendo pobres, temos que procurar onde nos apoiarmos. E aflições, se não nos fecharem, tornam-nos mais dependentes de Deus. E lembram-nos que há Deus. Se não houvesse aflições, esquecíamos Deus e andávamos aqui todos

contentes. Felicidade a mais aliena-nos. Mas há que ter um equilíbrio entre rezar de felicidade e rezar de aflição. O leitor não se esquece de rezar de felicidade, pois não?

Qua, 15 – S. BOAVENTURA (Memória)

Ex 3, 1-6.9-12 / Slm 102 (103), 1-4.6-7 / Mt 11, 25-27

[Só] revelaste estas verdades aos pequeninos. (Evangelho)

Pequeninos aqui é sinónimo de gente simples. O que é que têm os simples de especial? São os que ouvem sem grandes perguntas, sem grandes raciocínios, sobretudo sem grandes defesas. Têm uma adesão mais irracional, mais espontânea, mais do coração. E também se atiram para a frente com menos calculismo. Abrem os braços a Deus e entregam-se, ficando com pouco para si. São estes os pequeninos. O leitor guarda pouco – ou nada – para si?

Qui, 16 – NOSSA SENHORA DO CARMO (Memória)

Ex 3, 13-20 / Slm 104 (105), 1.5.8-9.24-25.26-27 / Mt 11, 28-30

Aprende de Mim, que sou manso e humilde... (Evangelho)

Temos, pois, que ser mansos e humildes. São qualidades bonitas, mas um bocadinho etéreas. O que é que isso quer dizer, na prática? Não ser arrogante, não ser orgulhoso... E a mansidão também não é fraqueza, é talvez placidez. Mas se a aprendermos de Cristo, veremos que é uma placidez que se exalta com a injustiça, uma placidez que não é bacoquice, que não é opacidade. É uma placidez arguta, inteligente e muito forte quando lida com as injustiças. Observar o outro com placidez, defender o fraco com fortaleza...

Sex, 17 – SEMANA XV DO TEMPO COMUM

Ex 11, 10 – 12, 14 / Slm 115 (116), 12-13.15-16bc.17-18 / Mt 12, 1-8

Eu quero misericórdia e não sacrifício. (Evangelho)

A Igreja tem dado uma importância extraordinária ao sacrifício pessoal e infinitamente menos à misericórdia. (Basta pensar

no Advento e na Quaresma.) A nível comunitário, a Igreja desenvolveu a caridade para com os necessitados, mas a compaixão pelos pecadores – a misericórdia – e o amor ao próximo (individual) e a si mesmo é uma parte da doutrina muito menos desenvolvida. Por isso, é importante perguntarmo-nos: temos essa doutrina no coração?

Sáb, 18 – B. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES (Memória)

Ex 12, 37-42 / Slm 135 (136), 1.23-24.10-12.13-15 / Mt 12, 14-21

... a fim de O fazerem desaparecer. (Evangelho)

Temos tendência a fazer desaparecer o que nos incomoda. E pode ser que haja uma mensagem de Deus no que nos incomoda. Porque o que nos incomoda tem uma função: picar-nos. Desde logo, dar mais realce ao seu contrário, como o azedo ao doce. Muitas vezes, no que nos incomoda há um desafio a superar. Se agradecemos a Deus o que temos de bom, agradeçamos também os desafios. Os desafios são escadas para Deus. (Se não quisermos lutar sozinhos.)

Dom, 19 – DOMINGO XVI DO TEMPO COMUM – Ano B

Jer 23, 1-6 / Slm 22 (23), 1-3a.3b-4.5.6 / Ef 2, 13-18 / Mc 6, 30-34

Uma das imagens predilectas da solicitude de Deus pelo seu povo é a do pastor que guarda o seu rebanho. Tirada do quotidiano da vida dos homens, é uma imagem que revela o amor misericordioso que Deus tem por cada um de nós.

Na primeira leitura, o profeta Jeremias acusa os «maus pastores» de satisfazerem os seus interesses pessoais à custa do sacrifício das ovelhas. Fragilizam o rebanho porque dispersam

as ovelhas para se enriquecerem. Na força da denúncia desta injustiça, o Senhor promete enviar novos pastores que defendam, protejam e guiem em segurança as ovelhas: «Ai dos pastores que perdem e dispersam as ovelhas do meu rebanho! Eu mesmo reunirei o resto das minhas ovelhas e as farei voltar às suas pastagens. Dar-lhes-ei pastores que as apascentem e não mais terão medo nem sobressalto; nem se

perderá nenhuma delas». Está em causa o abuso de poder de alguns, que em vez de servirem aqueles a quem são enviados, se servem deles para atingir objectivos pessoais. Infelizmente, o mesmo sucede ainda hoje. Muitos governantes, seja em cargos políticos, seja até quem lidera comunidades cristãs, agem mais por interesses próprios que pelo bem comum e pela construção do Reino. Como diz o Papa Francisco, o pastor é aquele que vai ao encontro do rebanho, que se deixar impregnar do seu odor e que sente as suas vidas a partir de dentro. Só assim, encarnando na vida real das pessoas que mais sofrem, se conhece verdadeiramente o que precisam e como actuar em seu benefício.

A mesma impressão tinha Jesus quando Se comovia ao ver a miséria humana. Depois do regresso dos discípulos, enviados dois a dois a pregar o arrependimento dos pecados, a libertar os corações aprisionados pelo mal e a curar as enfermidades, Jesus reúne-Se com eles num lugar isolado para descansar e rezar. E nem aí tem descanso porque todos O procuram. O Evangelista S. Marcos chega mesmo a dizer que Jesus, ao ver uma grande multidão à

sua espera, desejosa de O ouvir, «compadeceu-Se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor». Jesus sabe bem que o rebanho é propriedade sua, confiado pelo Pai para que viva uma vida nova. Por isso, o próprio Jeremias profetizara: «Dias virão, diz o Senhor, em que farei surgir para David um rebento justo. Será um verdadeiro rei e governará com sabedoria; há-de exercer no país o direito e a justiça». Jesus compadece-Se de quem sofre, de quem vive sem rumo e perdido, de quem não é amado e confortado, acolhido na sua dignidade de ser humano. Jesus é o Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, comove-Se com elas e vem ao seu encontro. Mas precisa de cada um de nós para que a sua Missão não tenha fim. A cada um é pedido que seja também pastor, que se responsabilize por quem vive à sua volta, que trabalhe pela paz, pela promoção da justiça e pela defesa da verdade.

«Cristo veio anunciar a boa nova da paz», diz-nos o apóstolo S. Paulo na Epístola aos Efésios. Este é o anúncio do Bom Pastor. O que fazemos para que este anúncio continue a ecoar ainda hoje, na realidade onde estamos inseridos?

Seg, 20 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Ex 14, 5-18 / Ex 15, 1-6 / Mt 12, 38-42

... e aqui está quem é maior que Salomão. (Evangelho)

Ser maior que Salomão seria uma coisa extravagante. E, no entanto, Jesus era um homem manso e humilde, que só se irritava com os fariseus e outros que tais, cuja magnificência estava no seu interior. Como é que era maior que Salomão? É uma inversão de valores completa. Sim, é uma inversão de valores completa e que vem até aos nossos dias. Mas que ainda não penetrou no coração dos povos. E no coração do leitor?

Ter, 21 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Ex 14, 21 – 15, 1 / Ex 15, 8.9.10.12-13.27 / Mt 12, 46-50

Cantemos ao Senhor, que fez brilhar a sua glória. (1ª Leitura)

Deixa que a glória de Deus brilhe em si? Deixa que Deus o ame? Sente que Deus o ama? Não foge de Deus? O que é que acha que Deus sente a seu respeito? E que é que o leitor faz para que essa glória – o amor de Deus – se reproduza, extravase? Como é que essa glória brilha em si, como é que a glória brilha através de si? Como é que o leitor ama e ao amar transmite a glória de Deus?

Qua, 22 – SANTA MARIA MADALENA (Memória)

Ex 16, 1-5.9-15 / Slm 77 (78), 18-19.23-28 / Mt 13, 1-9

Naquele dia, Jesus saiu de casa... (Evangelho)

É muito raro pensarmos em Jesus dentro de casa, pensarmos na vida doméstica de Jesus. Pelo menos, eu nunca ouvi nada nem vi nada escrito sobre isso. Mas não me parece descabido pedir a Jesus que nos ajude a estar em casa como Ele gostaria que estivéssemos. Aqui, o leitor é que sabe o que precisa, mas vá-se habituando a ver Jesus ajudá-lo em sua casa. Veja isso na sua oração de hoje.

Qui, 23 – SANTA BRÍGIDA (Festa)

Gal 2, 19-20 / Slm 33 (34), 2-11 / Jo 15, 1-8

Eu sou a... videira. Meu Pai trata da vinha. Ele corta todos os ramos que... não dão fruto. (Evangelho)

Devemos pedir ao Pai que nos corte os ramos por duas razões: porque Ele, melhor que ninguém, sabe quais os que devem ser cortados e porque, sem os ramos velhos, a vide dá muito mais fruto. Nós temos que «nos deixar cortar». O que pode ser doloroso. Mas tenhamos sempre em vista o resultado final. Tenhamos isto presente na nossa oração de hoje.

Sex, 24 – SEMANA XVI DO TEMPO COMUM

Ex 20, 1-17 / Slm 18B (19B), 8-11 / Mt 13, 18-23

Quando um homem ouve a palavra do Reino e não a compreende... (Evangelho)

Jesus usa «compreender» no sentido de «acolher». Se não acolhemos a «palavra do Reino», o Maligno arranca-a do nosso coração. E quem é o maligno? Pode ser o Maligno em si, mas também a pressa, as preocupações do dia-a-dia, o cansaço, a distração, enfim, tudo o que nos afasta da meditação da palavra. E a meditação da palavra também não é necessariamente a meditação da Escritura, mas de alguma coisa que venha de Deus.

Sáb, 25 – S. TIAGO, Apóstolo (Festa)

2 Cor 4, 7-15 / Slm 125 (126), 1.2ab.2cd-3.4-5.6 / Mt 20, 20-28

... os grandes fazem sentir sobre elas o seu poder [sobre as nações]. Não deve ser assim entre vós. (Evangelho)

Há muitas situações em que estamos numa posição de poder e não o devemos fazer sentir aos outros. Além disso, devemos cuidar de um modo particular dos mais fracos à nossa volta. Podem ser os nossos filhos pequenos, os membros mais frágeis das nossas comunidades, as pessoas que nos servem, dentro ou fora de casa. Todos eles estão sujeitos a experimentar o nosso poder, de uma maneira pesada ou subtil! Hoje, examinemo-nos.

Dom, 26 – DOMINGO XVII DO TEMPO COMUM – Ano B

2 Reis 4, 42-44 / Slm 144 (145), 10-11.15-16.17-18 / Ef 4, 1-6 / Jo 6, 1-15

O tempo de Verão e de férias é uma boa oportunidade para pa-
rar e avaliar a forma como esta-
mos a viver a vida cristã. Especi-

ficamente, é importante tomar consciência da importância que a Eucaristia tem como alimento da fé, da esperança e da caridade. É por aqui que a liturgia de hoje nos convida a meditar.

O Evangelho de S. João traz-nos a cena da multiplicação dos pães e dos peixes. Como ponto de partida da cena evangélica, o segundo Livro dos Reis traz-nos o profeta Eliseu a saciar a fome a muita gente. Recolhidos os primeiros frutos da colheita, faz-se pão com o qual o profeta diz: «Dá-os a comer a essa gente, porque assim fala o Senhor: “Comerão e ainda há-de sobrar”». O alimento que sacia é feito com o que cada um traz e é na partilha do pouco que Deus faz que todos tenham o que necessitam para viver. O Senhor é generoso na oferta dos dons que transformam a vida dos crentes, quando estes se dispõem a colaborar na obra de salvação. Estamos disponíveis para colaborar na construção do reino de Deus?

Introduzido, assim, o ambiente em que hoje encontramos Jesus, diz-nos o Evangelho que estava próxima a festa da Páscoa. Jesus atravessa o mar de Tiberíades, sobe ao monte com os discípulos e dá-se conta que a multidão que os acompanha

não tem que comer. Pede então que se recolha o pouco alimento disponível, cinco pães e dois peixes, com os quais faz uma oração de acção de graças que permite alimentar tanta gente. É tão grande a abundância que o Evangelista comenta que se recolheram «doze cestos com os bocados dos cinco pães de cevada que sobraram aos que tinham comido», mais de cinco mil pessoas. Estamos diante do anúncio da Eucaristia, no qual vários pormenores nos saltam à vista. O primeiro é a proximidade da Páscoa dos judeus, que evoca a grande festa que marcará a centralidade da vida dos cristãos: o mistério de salvação da morte e ressurreição de Cristo. De seguida, o olhar atento de Jesus que conhece as fomes mais profundas da humanidade, que Se comove com a sua miséria e toma a iniciativa de a saciar. Em terceiro lugar, a desproporção entre o pouco de cada um e a abundância do pão que sacia a fome da multidão. Por fim, a consciência do que se consegue quando todos colocam o que têm nas mãos de Deus. É este o mistério da Eucaristia, a celebração da Páscoa do Senhor, que nos recorda como Deus vem para saciar as fomes do mundo, como Jesus

Se faz alimento em abundância e só nos pede que colaboremos, dispondo-nos a ir ao seu encontro em gestos de partilha e de generosidade. Diante desta cena, vale a pena questionarmos a forma como vivemos a Eucaristia. Que espaço lhe damos na nossa semana? Como a preparamos e a vivemos?

Por fim, a Epístola do apóstolo S. Paulo aos Efésios lembra-nos que a Eucaristia faz dos cristãos «um só Corpo e um só Espírito». Alimentados do corpo de Cristo, aprendemos a proceder com humildade, mansidão e paciência, a agir com caridade, empenhados «em manter a unidade de espírito pelo vínculo da paz».

Seg, 27 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM

Ex 32, 15-24.30-34 / Slm 105 (106), 19-23 / Mt 13, 31-35

O reino dos Céus pode comparar-se ao fermento. (Evangelho)

O reino dos Céus é o fermento e nós somos a massa que ele leveda. Mas, na nossa liberdade, temos que deixar o Reino fermentar-nos. Por outro lado, nós, como parte do Reino, também somos fermento que leveda a massa. Temos de cumprir esta dupla missão. É uma missão mais passiva e outra missão mais activa. É o cuidado pelo outro e o deixarmo-nos cuidar pelo outro. (Não vá esse outro ser Deus que nos quer cuidar).

Ter, 28 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM

Ex 33, 7-11; 34, 5b-9.28 / Slm 102 (103), 6-11 / Mt 13, 36-43

... lança-los na fomalha ardente. (Evangelho)

O resultado desta ceifa contempla a hipótese das pessoas, durante toda a sua vida, rejeitarem seguir a sua consciência. E, naturalmente, ao ressuscitarem, continuarão a não estar com os que a seguiram. Reparemos que Deus faz tudo para nos mostrar o caminho da salvação. Mas como não nos tira a liberdade, temos capacidade de escolha até ao último minuto. Portanto o leitor – sem neuroses – esteja atento às suas escolhas, minuto a minuto.

Qua, 29 – SANTA MARTA (Memória)

1 Jo 4, 7-16 / Slm 33 (34), 2-3.4-5.6-7.8-9.10-11 / Jo 11, 19-27 (Leituras do Santoral)

... tudo o que pedires a Deus, Deus To concederá. (Evangelho)

Deus não anda com uma varinha mágica a fazer que tudo o que acontece seja o melhor para nós, no sentido de ser o mais agradável. Mas se estivermos em sintonia com Ele, transforma tudo em maneiras de nos unirmos mais a Ele. E isto é o objectivo máximo da nossa vida: a união com Deus. Agora, claro que isto é muito bonito de dizer a frio. Mas penso verdadeiramente que pode ajudar o leitor em alturas de maior sofrimento. O leitor reze sobre isto.

Qui, 30 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM

Ex 40, 16-21.34-38 / Slm 83 (84), 3-6a.8b.11 / Mt 13, 47-53

O meu ser e a minha carne exultam no Deus vivo. (Salmo)

Há momentos privilegiados em que sentimos Deus dentro de nós, ou uma exaltação ou uma suavidade ou uma intuição ou uma certeza de que é Deus que nos fala. Depois, esta sensação passa e a nossa vida volta ao normal. Mas aqueles momentos ficam como pilares de uma ponte que é a nossa vida. Agarremo-los bem. Eles podem dar-nos muita coragem quando as coisas correm mal. Se não fosse assim, para que é que serviriam? Hoje, recordemos um deles.

Sex, 31 – SANTO INÁCIO DE LOIOLA (Memória)

1 Cor 10, 31 – 11, 1 / Slm 33 (34), 2-3.4-5.6-7.8-9.10-11 / Mt 13, 31-35 (Leituras do Santoral)

... fazei tudo para glória de Deus. (1ª Leitura)

Apesar de sermos incapazes de acrescentar glória a Deus, devemos fazer tudo para glória de Deus. E o que é a glória de Deus? É o amor. Deus é amor, como nos diz S. João. A sua glória é que o amor se difunda. Enfiemos na nossa cabeça que a glória de Deus não são igrejas grandes, nem ouro, nem prestígio, nem diplomas, nem parecermos bem. Para percebermos Deus, temos que pôr os nossos valores de pernas para o ar. Hoje peçamos essa graça.